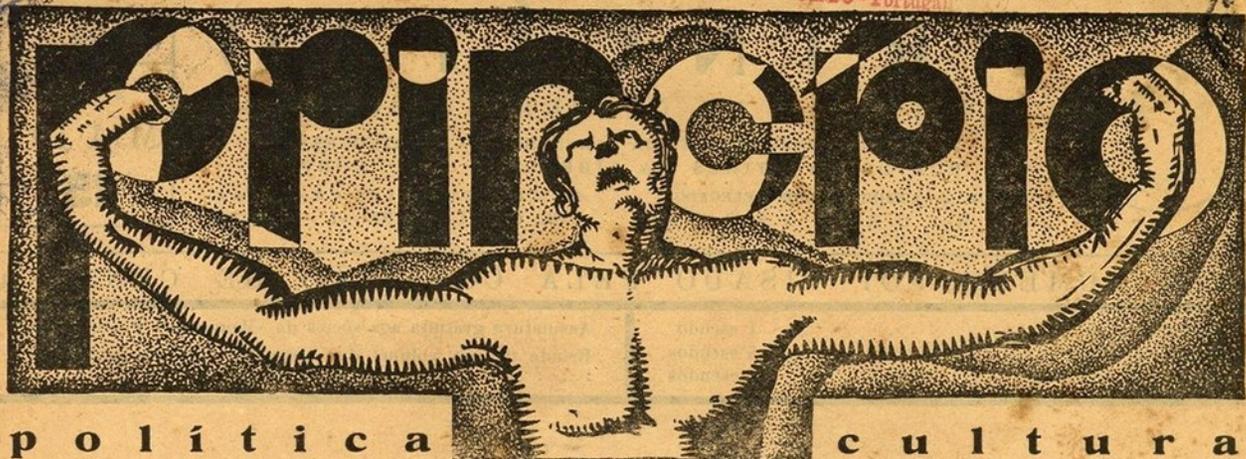


Exmo. Snr.
José Mantua
Calçada de S. Francisco, 57-2º Lisboa

RENASCENÇA PORTUGUESA
Rua Martires da Liberdade, 174 e 178
PORTO - Portugal



sumário :

apresentação

o intelectual e a vida — Adolfo Casais Monteiro

os paladinos da linguagem — Agostinho da Silva

as duas tradições — José Carlos Marinho

keyserling — Delfim Santos

notas

crónicas sôbre cinema de A. C. M. e R. de F.

e
d
i
ç
ã
o
d



DIRECÇÃO DE ÁLVARO RIBEIRO, CASAIS
MONTEIRO E MAIA PINTO
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DOS
MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178 — PÓRTO

RENASCENÇA PORTUGUESA

PRINCÍPIO

O grupo que resolveu lançar a público a presente revista propõe-se com ela uma acção cultural e política que até agora era só realizada de maneira dispersa e descontínua por alguns dos seus membros.

A acção cultural desta revista exercer-se-á predominantemente pela crítica. A incapacidade de criticar, isto é, de distinguir e julgar com precisão e adequadamente, tal é um dos caracteres essenciais e mais salientes da cultura portuguesa. A' falta dum verdadeiro espírito crítico que vá guiando a obra dos nossos investigadores e pensadores, devemos o insucesso das tentativas que alguns homens superiormente dotados realizaram em Portugal por uma autêntica vida de espírito. Por isso, ao dar a êste jornal uma feição crítica, julgamos adotar a atitude fundamental entre tódas no domínio da cultura portuguesa principiando a cumprir o que incumbe à geração a que pertencemos. O ter esta revista uma acção predominantemente crítica não significa que um ou outro artigo especulativo ou doutrinarío não surja nestas páginas. Compreende-se bem como tais artigos são necessários para apoiarem os artigos de crítica, mostrando quais as ideias ou concepções que inspiram êstes.

No que diz respeito à política, propomo-nos mostrar o que há de falso e insubsistente na maneira como em Portugal é feita. Procuraremos estabelecer quais as condições da verdadeira política, aquilo de que uma política séria deve partir e a que deve obedecer para não errar o seu alvo. «PRINCÍPIO» defenderá a democracia, o único método político viável no mundo moderno, o único que se adapta à civilização ocidental e ao condicionalismo da evolução política, da situação moderna e actual do nosso país. Não será, porém, uma orientação republicana estreita a que inspirará as suas páginas: antes se abrirão elas ao sincero esforço por um pensamento político vivo e dinâmico, a que não sejam alheias as aspirações de todos os homens pela emancipação económica, cultural e espiritual.

No domínio da política como no da cultura não pensamos, porém, que se possa obter cousa alguma pela fôrça ou pela violência. Combateremos as ilusões da direita e da esquerda, mostrando que é pela persuasão e não pela coacção, pelo esclarecimento e não pela ignorância consentida que se pode agir de maneira eficiente. A vida sôbre a terra não tem para nós sentido nenhum se não consiste em realizar progressivamente as condições favoráveis ao máximo desenvolvimento da pessoa humana. A emancipação económica não é para nós um fim, mas um processo de obter a libertação pela cultura, como esta não é em si um fim, mas um processo de obter a libertação pelo espírito.

«PRINCÍPIO» não é nacionalista, mas universalista, não se esforça por opôr e separar os homens e as nações, mas por favorecer a harmonia e o acôrdo.

«PRINCÍPIO» não acredita nas fábulas propagandeadas como verdades da cultura ou da política; para êle a verdade é obra do pensamento e não da fantasia.

«PRINCÍPIO» combaterá os homens que pretendendo ter uma acção cultural ou política atraioaram a verdadeira cultura e a verdadeira política. «PRINCÍPIO» combaterá os que pretendendo agir em nome do espírito, ignoraram o espírito ou o atraioaram.

Mesmo no combate será «PRINCÍPIO» compreensivo e construtivo, encontrando-se sempre nêle o esforço pela justiça a par do esforço pela verdade. Fiel aos valores da cultura, do espírito e da vida, será sempre afirmativo, e tódas as suas afirmações ou juizos serão apoiados em razões.

Saüdamos na revista «SEARA NOVA», uma publicação com a qual «PRINCÍPIO», tanto no ponto de vista da reforma cultural como política, tem estreitas afinidades; saüdamos na «PRESENÇA» o grupo que se propõe, em literatura, realizar aquilo que nos propomos realizar em cultura e política.

o intelectual e a vida

O intelectual tem, no mundo contemporâneo, responsabilidades novas, diferentes daquelas que incidiam, se é que incidiam, sobre o seu semelhante dos tempos passados. Este não existia como *ser diferenciado*. A própria designação de *intelectual* parece indicá-lo como ocupando uma posição especial: parece dar-lhe uma certa côr de profissionalismo; nas organizações monárquicas, cujo *tipo* marcou a vida europeia até à Revolução Francesa, a posição do intelectual era impossível, ou pouco menos, pois que ser *clerc* implicava a liberdade de atitude perante as instituições e a cultura do tempo, o que só numa sociedade democrática seria possível. Ser, numa sociedade monárquica, homem de livre opinião, irrespeitoso de quaisquer dogmas, não faz sentido. Só uma sociedade democrática permite que se crie, como se criou, uma categoria de indivíduos quasi constituindo uma classe à parte, pois o intelectual, se economicamente está ligado à sua classe, todavia nega-a, e, quer seja aristocrata, burguês ou proletário, muitas coisas o afastam, quer da aristocracia, quer da burguesia, quer do proletariado.

É claro que existiram sempre intelectuais, no sentido que entendo dar à palavra (e em resumo é: todo aquele que, perante a vida, a ciência, a arte ou a religião, tem uma atitude conscientemente tomada; todo aquele, enfim, que exige ao contingencialismo que pesa sobre o homem que pensa segundo os quadros fixos que lhe impõe a sua classe e o seu grupo); um Sócrates, um Espinosa ou um Goethe são *clercs* no mais puro sentido da palavra. O que não existia era a possibilidade de se conceber, senão como excepção, tal atitude. Hoje, pelo contrário, não só se compreende a especificidade do intelectual, como ainda se exige d'ele aquela sinceridade e coragem perante qualquer problema, que caracterizou todos os verdadeiros *clercs* de outrora, mas sem que os seus contemporâneos nisso lobbriçassem importância igual à —capital, quasi—que nós lhe damos. Significa isto que à formação e desenvolvimento (aliás ainda muito atrasados) das sociedades democráticas, corresponde o aparecimento da opinião consciente; porisso o intelectual se vê hoje rodeado de olhares que não o abandonam, e cuja insistência lhe lembrará continuamente o seu *dever*. Dever que, aqui, não significa necessidade de cumprir, ou não cumprir certos actos: mas de não traír o seu pensamento, e não mentir à sua consciência.

Do intelectual, a *opinião* tem pois o direito de esperar um esforço *criacionista*, e pelo menos uma certa atenção aos problemas fundamentais da vida contemporânea. As melhores direcções da filosofia contemporânea tendem para a concepção do homem ecuménico, do homem que não se furete a qualquer manifestação da vida. Do homem que transporte a a sua curiosidade sobre tôdas as manifestações de vida, sem exclusivismos. É a nítida reacção contra a especialização pura, contra a cultura de estufa, fonte de raquitismos espirituais. O intelectual de hoje, procurará integrar-se em todos os ramos da cultura. Para a maioria d'elles é isto apenas uma tendência —mas *tender* é já suficientemente significativo.

Todavia o mundo contemporâneo apresenta-nos muitas oposições a esta tendência: não apenas oposições representadas por fracções do público, mas pelos próprios intelectuais. Que assim é, prova-o a aparição de livros como a *Trahison des Clercs* de Benda e *Mort de la Pensée Bourgeoise* de Berl. Pondo de parte as divergências — e são muitas — de pontos de vista, qualquer d'estes livros, ainda que nem a

todos assim pareça, ataca os traidores ao espírito: Benda censurando os que trocam o temporal pelo espiritual, Berl acusando os que se acolhem a um conformismo por receio da revolução e da evolução, militam ambos no mesmo sentido, pois que, se Berl, ao contrário de Benda, ataca precisamente os intelectuais por se esquivarem a uma atitude política, ambos defendem o espiritual contra o temporal, pois o conformismo anti-revolucionário exprime a desafeccção à libertação das consciências, e uma cômoda indiferença ante os imperativos do espírito.

O essencial do problema está — e aqui Benda, pelo seu racionalismo ascético, não tem razão — não em que os intelectuais se inclinem para a política, mas em que se inclinam para uma política de um imediato *realismo*, ao passo que o verdadeiro *clerc* não pode ignorar, e não pode deixar de tomar posição ante o problema político, porque a política não é escrava do temporal, mas vive de espírito e de razão. *La trahison du penseur ne peut commencer que là où il ne pense plus*, escreve Berl; sacrificando, desnaturalizando de si o problema político, o homem arranca, ou antes, esmaga, alguma coisa que não lhe é exterior, mas se prende, na sua consciência, a todo um dinamismo que não admite cortes. Isto é: *Le problème est de savoir si, en se refusant à tout vote, à toute position définie, on peut accomplir, fût-ce à l'intérieur de soi, une révolution efficace...*

É facil dizer: êsses problemas não me podem interessar, não quero saber de política, eu sou um artista, eu sou um filósofo, etc., etc.; tudo isto significa apenas uma ausência de consciência; os que assim falam não serão verdadeiros artistas, não serão verdadeiros filósofos, porque o desdém da política significa a ignorância do homem, o desinteresse pelo progresso da consciência, e, portanto, a incapacidade de criar dentro do humano: logo arte livresca, filosofia em que a letra esmaga o espírito. Carência de vida profunda e comunicativa. Viver *para si* e *em si* equivale a mastigar sempre a mesma coisa, tão certo é que um individuo só nasce quando começa a compreender a existência de *outros*, de personalidades diferentes.

Mas, como explicar esta fuga, por um lado, do espiritual para o temporal mais imediato e mais falso, por outro, daquilo que mais sagrado é no temporal (porque é mais que temporal) para uma falsa atitude espiritual, que consiste em subir a uma torre de marfim onde os ecos da vida chegam apenas em ondas apagadas? É que a guerra trouxe consigo uma decadência da vitalidade, e os intelectuais refletem-a como ninguém. Enfraquecidos, desmoralizados, só procuram um ponto de abrigo, e um ópio para a sua consciência. Tôda essa traição dos intelectuais revela uma desagregação, em que êles continuam a defender aquilo em que já não crêem, por fadiga mais ainda que por cobardia, sem que sejam capazes de se integrar na onda mais nova e mais forte que sobe, porque isso exigiria uma constância de esforço que os ultrapassa.

Assim, a maioria dos intelectuais vive agarrada à burguesia, às suas normas, aos seus ídolos. Por mim, creio que esta adesão, se significa a morte duma época, nada significa de perigoso para a que vai nascer. Esta conta já com outras forças, e esta traição dos intelectuais do mundo que morre faz sobressair mais vivamente a coragem, o *élan* vital, o pensamento dinamizante do mundo que nasce.

paladinos da linguagem

Os paladinos da linguagem são pessoas extremamente respeitáveis, na sua grande parte sócios da Academia ou da nunca suficientemente louvada Associação dos Arqueólogos; qualquer destas duas instituições, pelo seu sentido da Vida, pela ligação com o pensamento actual, pelas maravilhas da argúcia quando se trata de descobrir a ama de Paio Soares ou a côr das sapaterras do Senhor D. Afonso Henriques, confere aos que delas fazem parte autoridade, saber e inteligência. Começemos, pois, meus amigos, por nos posternarmos diante dos paladinos, lhes beijarmos as sandálias empoeiradas na peregrinação científica, e lhes perguntarmos notícias das marquesas do Senhor Dantas ou das tapeçarias do Senhor Dornelas. E feito isto, peçamos, humildemente, licença para conversar com S. Ex.^{as} ou, pelo menos, para lhes expormos certas coisas loucas que nos andam nas loucas cabeças.

Não queremos de maneira nenhuma pôr em dúvida o interêsse de S. Ex.^{as} pela linguagem, a boa língua portuguesa, formosa e rica, a língua dos galeões e de tôdas as coisas bravas que houve pela Índia; nós o reconhecemos suficientemente, de tôdas as vezes que os dignos sócios rompem armados de tôdas as armas, levantando como broqueis (como broqueis, ó gentes!) os seus grossos dicionários, sopeando as suas gramáticas e os setus guias de recta-pronúncia, cavalgando o seu Filinto ou o seu Bernardes.

¿Quem poderia negar-lhes valor e coragem na defesa da língua? A' mínima arremetida que contra ela se esboça eles aí estão, furibundos, em grande cólera, o ôlho incendiado, como se estivessem defendendo Diu; e encetam o combate com grandes gritos de «Pela língua, cerra, cerra, Lucena!». Em pouco, do triste que ousou falar da língua, não respeitando canônicamente os frades de Jesus ou os frades do Carmo, não fica senão uma papa sangrenta, ossos esmagados, carnes desfeitas; e logo a peonagem, com desprezo, cospe nos restos vis, lança-lhes com nojo e como última afronta um romance francês. ¡Oh, a falange heroica dos paladinos! Venha donde vier o ataque, do Brasil, pela ortografia, do Pôrto, pelo galicismo, de Paio Pires, pelo êrro de pronúncia, eles aí estão, ardentes e ferros, prontos a derrubar, mais uma vez, a «terrível bandeira» do inimigo. ¡Paladinos valorosos, ala famosíssima dos gramáticos, eu vos saúdo! E agora escutai:

Eu creio, ícom quanta ignorância, decerto!, que ninguém escreve mal, por gôsto, a sua língua; não há prazer intelectual nenhum em desrespeitar a ortografia e a sintaxe; nenhum gáudio também em fazer raivar os manes do digno Fernão de Oliveira ou do imortal Castilho; se nos temos a felicitar, íntima e sinceramente, pela sua morte, acreditai, gentis paladinos, que não iremos insultar, com satanismo, as suas cinzas. Decerto, se vós achais que escrevemos mal a língua, há, para o fazermos, razões a que me parece necessário atender-se.

Importa, em primeiro logar, pormo-nos de acôrdo, senhores cavaleiros, sôbre a língua que, segundo vós dizeis, desrespeitamos duplamente, no vocabulário e na sintaxe. Nós concederemos que o português é, como disse um dos vossos, suave para a lírica, ardente para a epopeia, mansa no Bernardim, rugidora (irugidora, palavra!) em não sei quem...; e isto, senhores, desde que se começa a distinguir do galego, desde que engatinha; simplesmente, afirmamos que, como disse um dos nossos, ela é singularmente espessa: sabeis, ó Académicos? Não é pobre, nem é rica:

é espessa, parada, pesadona como as seges do Senhor D. João VI, e, para que um Garrett ou um Eça a tornem clara, delicada, dátil, quanto desrespeito pela gramática, quanto galicismo!

Porque, coisa curiosa, a vossa gramática é inimiga da vida, da clareza e do pensamento; Vossas Mercês (que Deus guarde) arranjaram, para defender, uma língua tremenda que só serve para os discursos de jubileu, para narrações, para descrever com pêso e gravidade, acáciaamente... ¿E para pensar? Para pensar é a luta constante contra o período longo, contra a tendência para a retórica que tem a vossa dama, contra todo um atavismo de sintaxes sábias e complicadas. Os senhores paladinos continuam amarrados a uma língua que passou, a luta lingüística está-se dando entre a Vida e a Morte: e, certamente, a-pesar-de todo o vosso furor, de tôda a vossa coragem, os homens vivos vencerão os homens mortos.

Eis o que pensamos da sintaxe que defendeis, tam rígida para conter em si, para as exprimir cabalmente, os mil aspectos, as mil gradações, as mil aspirações da vida moderna. Precisamos de alguma coisa de mais dócil e mais claro, talvez menos brilhante, mas imensamente mais útil; os senhores paladinos apenas criam nos seus parques cavalos sapientíssimos que dão imensos saltos e dansam a *Ramona*; para puxar o nosso carro até a fronteira queremos sólidos cavalos da Normândia.

Quanto ao vocabulário, desculpai-me, mas creio que também errais; o galicismo não é inimigo da língua, mas seu amigo, e precioso; êle vem duma civilização superior, duma civilização que não vegeta sôbre as suas recordações, trazer-nos o seu auxilio generoso, tôdas as vezes que os Sousas e os Barros não nos deixaram o termo exacto que exprima as novas idéas: é uma coisa extremamente simpática o estrangeirismo e vós transformaste-lo num monstro. Quando se trata de exprimir coisas civilizadas ou subtis, a formosa linguagem é de uma pobreza desoladora; temos imensas palavras para dizer os tiros das bombardas, dos berços e dos falconetes e louvar o plano colonial de Albuquerque, e para cantar em vária rima sonora os primeiros bonitos olhos que encontramos ao dobrar da esquina; porém, amigos, para definir cambiantes de sensibilidade ou de inteligência, iai de nós!, que miséria!

Talvez para vós, cobertos da armadura rígida da filologia, que vos não deixa banhar o cérebro de clara luz, talvez para vós não existam essas diferenças; mas, mesmo para os mais medianos de entre nós, elas surgem como realidades e reclamam expressão—que não encontramos nos clássicos, nem encontramos nas gramáticas: donde o emprêgo, para vós ignominioso e fatal, do estrangeirismo, sobretudo do galicismo; e sabeis porque êste de preferência? Exactamente porque vem da nação mais riosamente intelectual, da nação que, na velha frase, é ainda cérebro do mundo. Não tenhais ilusões, meus amigos: o galicismo é uma necessidade intelectual e vencerá tôdas as vossas repugnâncias gramaticais. ¿Que seria da língua sem o galicismo?

Nós queremos ter os movimentos livres de homens europeus do séc. XX e os paladinos teimam em nos encerrar nas armaduras decerto nobres e heróicas, mas incômodas; e se até agora vos temos respeitado e deixado locais em que correr à gineta, é preciso que também da vossa parte haja um pouco de moderação; nós permitimos as sessões em que discutis se se deve dizer *o* ou *a personagem* ou debateis largamente sôbre o brasão de armas da nobre

Lourinhã: reservai-vos para elas, sede abundantes na facúndia, citai os textos que quizerdes, mas fechai as janelas, para que se não inquine o exterior; sede puristas e «pica-textos» em família, com os pés à braseira e o rapé ao lado, na mão o divino Curvo Semedo, ralhai com as vossas criadas e as vossas esposas, mas não queirais fazer paradas públicas e encher tôda a terra do patear dos vossos corceis.

A Academia é velha, e cheia de caruncho, os Arqueólogos uma ferrugem que por milagre se mantém de pé, os paladinos mesmo cáem de velhos, dentro das couraças; e como somos novos e queremos, com ardente querer, Vida e civilização, a luta, a travar-se, inevitavelmente penderá a nosso favor e então gramáticas e dicionários, clássicos e puristas, serão um pó desfeito que levará em si a ignorância e a ininteligência que, por tanto tempo, nos levou afastados do mundo culto.

A situação está-se tornando, de facto, absolutamente intolerável; temos tanta coisa a fazer no domínio do intelectual, tam longo caminho a percorrer para nos pormos finalmente em contacto com o pensamento europeu, tam grande esforço a exigir de todos—e a cada passo, estes senhores, mumificados entre os ponderosos tomos da *História Genealógica* nos cortam a passagem com grandes brados a favor da língua. Uma obra de filosofia, de arte, de história, é discutida, não nas suas idéas, na sua economia, na sua atitude intelectual, mas nas palavras empregadas, na propriedade dos sufixos, no bárbaro do neologismo; só isso prende, encanta e interessa todos os grandes génios puristas.

A caça ao galicismo tornou-se uma aberração intelectual que apaga por completo o amor das coisas altas e nobres; estreitamente presos às palavras, escabichando todos os mistérios da catacrese e conhecendo todos os segredos da prolepse, sabendo, de cor e salteado, que vocábulo vem em Viterbo ou em Bluteau, os puristas tornam-se a mais sêca e estéril coisa que, fora o cardo, existe à superfície da terra. Nem uma grande ideia, nem uma concepção ampla, nem elevação e beleza de pensamento: miudamente, fradescamente, acadêmicamente,—palavras e palavras, nada mais.

Escrever com pureza o português, escrevê-lo como os clássicos, eis o conselho, a norma; e não se compreende que, quanto melhor o fizermos, quanto mais nos aproximamos de Vieira ou de Bernardes, tanto mais nos afastaremos de mundo onde há Vida e Claridade; se continuarmos assim, dentro em pouco, a condição de sermos europeus será escrevermos nobremente mal o português, desrespeitarmos os versículos sacrossantos de Epifânio; escrever com pouca sintaxe e muito galicismo será acto de saúde e vigor intelectual, meio de fugir ao ambiente acadêmico.

¿Como é possível que haja simpatia entre nós e os paladinos se eles se recusam, por incapacidade ou birra, a pensar à europeia? Se nos livros ou artigos que escrevermos apenas nos vierem, com dedo espetado e palmatória em riste, apontar as palavras estrangeiras e as preposições incorrectas? Eles não se querem elevar e pretendem que nos baixemos nós, que fiquemos rasteiros, ao nível das suas gramáticas e dos seus vocabulários académicos.

Pois, amigos, não! Não, como o daquele conselheiro que andais sempre citando. Caturrai o que quizerdes, continuai compoendo coisas sábias sobre o português clássico, mas, pelo amor de Deus ou pela gorja!, como quizerdes, não venhais a público mostrar tanta ingenuidade e tanta vacuidade; deixai-nos ser incorrectos e, como dizeis, anti-patriotas; talvez, um dia, nós consigamos, embora desprezando gramáticas e gramáticos, que o estrangeiro tenha um pouco mais de consideração por Portugal.

Por muito tempo já ocupastes a larga estrada que leva à Europa; a ninguém permitistes a passagem, fizestes cair e sofrer os mais generosos peitos que nasceram em Portugal; mas tôda a terra freme de ansiedades moças, já uma larga falange abalou, cantando, sob um claro sol de Inteligência: e agora, paladinos, caminho livre!

Lisboa, Abril 1930

A G O S T I N H O D A S I L V A

a crítica dos livros



Devido á abundância de original, só no próximo número poderemos iniciar esta secção com a crítica dos últimos livros de António Sardinha e Aquilino Ribeiro, a 2.^a edição da «*Aliança Peninsular*» e «*O homem que matou o diabo*». Iniciaremos também a crítica dos livros estrangeiros, come-

çando, entre outros, pela análise do último volume de Victor Bérard, «*La Réurrection d'Homère*».

b r e v e m e n t e
inquérito
sobre os problemas
cultural, educativo, artístico,
político, filosófico e religioso

p r i n c í p i o

considera indispensavel, a todos os portugueses, a leitura e meditação das raras obras que reflectem a cultura europeia sobre o espesso nevoeiro do nosso nacionalismo:

ECONOMISTAS PORTUGUESES DO SÉCULO XVII, *Antologia compilada por António Sérgio.*

L. A. VERNEY — *Novo método de estudar*
RIBEIRO SANCHES — *Cartas sobre a educação da mocidade*

ALEXANDRE HERCULANO — *Opúsculos*
ANTERO DE QUENTAL — *Prosas*
OLIVEIRA MARTINS — *História da civilização ibérica*

Portugal contemporâneo
Dispersos
SAMPAIO BRUNO — *O Encoberto*
O Brasil mental

LEONARDO COIMBRA — *O pensamento filosófico de Antero de Quental*
Razão experimental
A Questão universitária
O problema da educação nacional

ANTÓNIO SÉRGIO — *O problema da cultura*
Considerações histórico-pedagógicas
Tréplica a Malheiro Dias
Ensaíos

as duas tradições

Há duas espécies de tradição: uma é a tradição que podemos chamar espontânea ou imediata, outra a que chamaremos tradição reflectida, consciente ou mediata. A primeira das duas espécies de tradição impõe-se aos membros duma dada sociedade como um facto, um dilema, um axioma (expressões usadas pelos seus adeptos), como qualquer coisa de fatal (outra feliz expressão dêles). Consiste, ao contrário da reflectida e consciente, num império sobre a consciência individual: é uma espécie de fatalidade, *uma voz imperiosa surgindo da alma profunda da Raça*. Não há possibilidades para o homem que vive sob o império dela de distinguir, escolher, preferir. Para esse não há distinção, não há crítica. Para um tal não há juízo, não há razão. São acríticos e arracionais os seus sequazes, e sendo arracionais não podem querer: movem-se por impulsos, por desejos, não por determinações da vontade.

O valor desta segunda espécie de tradição de que nos estamos ocupando revela-se muito bem nos livros, nas palavras e nas acções dos nacionalistas, integralistas e racistas que se propuseram salvar a Pátria, como dizem, das mãos dos seus inimigos.

Eles esqueceram, ao proclamar o Evangelho da tradição, que a si mesma se inutiliza uma tradição que não conduz a um pensamento sério e a uma acção eficiente. Esqueceram que há postulados universais a tóda a acção nacional ou nacionalista e que um desses postulados é exactamente o de pensar e julgar bem. Eles que se pretenderam realistas e experientes esqueceram o facto constante da nossa história moderna: a crise de valores culturais e espirituais.

Estes nacionalistas esqueceram muitas coisas importantes, das quais as três antes indicadas são justamente a raiz. Como pódiam deixar de esquecê-las? Em primeiro lugar, se tomassem consciência do nulo valor da sua tradição ver-se-iam forçados a procurar uma outra tradição menos fácil; em segundo lugar, se reparassem que todo o nacionalismo supõe o universalismo do bom senso, da reflexão e do juízo, ver-se-iam forçados a abandonar o reino da fantasia e da falsa cultura em que vivem para procurarem pensar e cultivar-se a sério; em terceiro lugar, se ligassem algum valor a um dos mais, senão o mais importante, dos factos da nossa existência como nação, ao déficit incomparável da nossa cultura e da nossa vida de espírito, não poderiam, como fazem, prégar que a mudança de instituições é capaz de resolver todos os nossos males, não chegariam, colocando acima do amor da verdade e da justiça a obsessão do seu partidatismo político, a exaltar ou deprimir os homens e os seus actos segundo as afinidades políticas que veem entre eles e as suas próprias aspirações. Começaremos nos números seguintes desta revista a fazer uma análise da obra dos chamados nacionalistas tornando patente o que há de impossível, quimérico, ininteligente e insensato nas suas doutrinas. Pretendemos fundamentalmente estudar o integralismo no ponto de vista do valor das ideias ou juízos com que essas doutrinas têm sido sustentadas e fundamentadas, demonstrando assim o nulo valor da primeira das duas espécies de tradição que atrás distingui.

A segunda espécie de tradição é, como disse, uma tradição reflectida e consciente; mediata lhe chamei também em opposição àquela a que acabo de referir-me: a estoura não se adere duma só vez, como a uma coisa feita, perfeita. É dinâmica, evolutiva e discursiva; não se funda no culto de valores estáticos

e feitos duma vez para sempre (o Rei, a Raça, as Côrtes, o catolicismo, o tomismo, etc.); não se nos impõe por uma intuição, uma participação mística ou revelação de qualquer espécie, obtém-se pela reflexão em homens mais ou menos cultos ou eruditos, mas intelectualmente normais, capazes de pensar e discernir, de distinguir, de escolher, de julgar. É a tradição de todos os nossos homens verdadeiramente cultos que meditaram com demora e profundidade a história ou a vida de Portugal: é a tradição dum Verney, dum Herculano, dum Antero, dum Oliveira Martins, dum Bruno, dum Basílio Teles, dum António Sérgio, para citar os que tiveram uma consciência mais penetrante e fiel da vida portuguesa em vários domínios. É a tradição de todos os homens de autêntico valor mental que apareceram no nosso país, se exceptuarmos os literatos e os artistas, quasi sempre propensos a valorizar quiméricas, mitos e lendas, movidos daquele amor das lusitanas cousas que lhes permite fazer bonitos ou belos poemas sinfonias e painéis.

É a tradição dos homens de bom senso que vivem de olhos bem abertos para a vida. (Nunca se falará suficientemente de bom senso num país em que os homens mais inteligentes o ignoram e supõem deprimidamente fazer por êle qualquer esforço.) Tal é a tradição dos homens que por amor da pátria não se occultaram as deficiências na cultura ou na vida de espírito, na política ou na economia, que a mesma pátria apresenta, e se não contentaram duma acção superficial e epidérmica. Puderam alguns dêles deixar de ser fieis ao sentido da verdadeira tradição a que pertencem, mas a parte mais sólida da sua actividade é-lhe fiel. Esses homens pensaram e julgaram bem, ou, pelo menos, fizeram pela actividade mental autêntica um esforço de que nós hoje beneficiamos. São eles os obreiros lúcidos e penetrantes do Portugal que ainda não existe. Dum Portugal que seja consciente de si mesmo e da vida e civilização que o circunda. E que na cultura ou na política viva uma vida nobre, digna, elevada e não abjecta.

JOSÉ CARLOS MARINHO

NOS PRÓXIMOS NÚMEROS COLABORAÇÃO DE:

LEONARDO COIMBRA, ANTÓNIO SÉRGIO,
ÁLVARO RIBEIRO, JOSÉ RÉGIO, JOÃO
GASPAR SIMÕES, LUÍS GUEDES, ANTÓNIO
SALGADO JÚNIOR, SAMUEL DE CARVALHO,
RODRIGUES DE FREITAS, SANT'ANA
D'IONÍSIO, SOUSA PEREIRA, ETC.

LIVROS

Serão criticados todos os livros de que nos sejam enviados dois exemplares.

KEYSERLING

O fundador da Escola da Sabedoria de Darmstadt é uma figura simbólica e ao mesmo tempo real que vive os problemas do nosso tempo com uma superioridade de compreensão verdadeiramente notável. Profeta dum mundo novo, que a nossa geração vê, dia a dia, aparecer e desenvolver-se, opondo-se às formas de cultura tradicionais e inuteis, Keyserling, pode dizer-se, é o primeiro captador do novo Sentido vital e o primeiro habitante, consciente de o ser, dêsse mundo nascente. Homem ecumênico, pela sua ânsia de simpatia e compreensão de si mesmo, Keyserling teve necessidade de deslocar o acento vital da sua cultura para aquilo que ela tem de universal e transferível como imediata expressão do Espírito, sem, contudo, incarnar o tipo abstracto e inumano legado pelo século XVIII, mas sim o homem concreto, total, de corpo vivo e alma viva, que afirma a realidade do espírito como alguma coisa tam concreta como a carne e a união da alma e do corpo, do mundo metafísico e do mundo empírico, como unidade completa e indivisível. Esta necessidade de transferência explica-se porque o centro de gravidade das culturas anteriores residia no irracional, no sentimento, no afectivo, sendo, portanto, naturalmente particularistas e necessariamente intransferíveis. Para a nossa época, o fundamental é o espírito, essencialmente transferível, porque pensar e compreender o estranho é anular, na nossa alma, tudo o que, por limitação de conhecimento, é exclusivo e particular. Isto é, ao homem limitado e incompleto por incompreensão deve suceder o homem total, humano, para quem os outros homens, de sensibilidades diferentes ou até opostas, servirão para polarisar em si o essencial. Uma outra necessidade de limite se impõe, é certo, mas limite que é alargamento, visão mais alta de si mesmo, e conhecimento preciso da essência profunda, vital e humana que constitui o indivíduo.

Keyserling, demasiado absorvido pela acção, não é própria mente um filósofo, um historiador ou um homem de ciência. Embora a sua formação intelectual universitária fôsse a do geólogo, conseguiu libertar-se das exigências da ciência em virtude da sua natureza não permitir que os factos inertes modelassem a sua sensibilidade viva. Ao contrário de Spengler, Keyserling não afirma a constituição da realidade histórica apenas por factos. Para ele, as idéas são mais reais do que os factos porque estes só adquirem sentido e valor quando aquelas os interpretam e afirmam a sua realidade. Por isso pretendeu ser, de preferência, um órgão de transmissão entre a especulação filosófica e a realidade da acção. A sua estrutura espiritual—simbiosa de mongol, de eslavo e de germânico—não poderia nunca subordinar-se aos quadros rígidos e simples impostos pelo exterior, e ser qualquer coisa que os outros tivessem sido já. Esta incapacidade levou-o a repelir completamente a idéa de candidatura à cátedra universitária. Contando a Universidade quinhentos anos de existência, e ele apenas quarenta, seria, sem contestação, mais forte do que ele para o impedir de realizar a sua própria forma de vida. Bastou para o afastar de si mesmo a experiência universitária de alguns anos, como estudante, porque uma formatura equivale, quasi sempre, a uma deformação temporária da personalidade.

Tudo o seu esforço consistiu, portanto, em libertar-se de tudo o que as necessidades de vida social lhe tinham imposto, e a aprofundar e purificar a sua natureza essencial. Na esteira directa de Sócrates, pelo valor concedido ao que o homem tem de humano, Keyserling pretende determiná-lo em si mesmo, marcando, com rigor, o seu circulo natural de acção (*natürlichen Wirkungskreis*). Para isso um triplice esforço lhe é exigido: determinar as suas tendências e possibilidades, entrever as suas insuficiências e limitar a sua personalidade. A bem dizer, o segundo destes preceitos condiciona toda a sua attitude, pois entrever a insuficiência dum personalidade implica, necessariamente, o conhecimento daquilo que nela é ou se figura suficiente, isto é, das qualidades em potencia latentes no ser, e também a determinação, mais ou menos precisa, dos seus limites de pensamento e acção. As palavras profundas e até agora quasi sibilinas de Goethe: «só a insuficiência é fecunda» foram orientadoras do labor fecundissimo de Keyserling na procura e valorização de si mesmo. Conhecidas as suas tendências, era preciso evitar tudo o que as contrariasse aceitando tudo o que permitisse um desenvolvimento integral e em forma circular da sua personalidade; anular todas as que se não coadunassem com a sua maneira de ser e activar em todas ellas uma sublimação progressiva. A sua moral passa a ser a moral da insuficiência e o seu esforço a razão da sua admirável receptividade espiritual.

Alguns factos exteriores, como um ferimento recebido em duelo enquanto estudante, a Revolução russa de 1905 confiscando-lhe todos os seus bens, depois concedidos, e, mais tarde, a confiscação definitiva, pelo governo da Estónia, das suas propriedades agrárias, criando-lhe dificuldades de toda a ordem, tiveram funda repercussão na sua vida interior e deram ao seu *devenir* espiritual aparências de mutação brusca e apressada. Foi o primeiro destes factos, pelo enfraquecimento fisico de que foi causa, o ponto de partida para a sua súbita metamorfose como intelectual; os outros infortúnios privados fizeram-lhe ter consciência da missão importante que devia desempenhar. A isto deve juntar-se ainda a influência extraordinária sobre ele exercida por

Chamberlain e Kassner. Mas, liberto dessa influência, uma viagem à volta do mundo fê-lo tomar contacto com a diversidade real dos indivíduos e das nações e melhor conhecer a natureza essencial da sua individualidade.

Continuando o seu trabalho de sondagem interior, chegou à dupla verdade que consistirá a razão de ser de todo o labor pensante de Keyserling: «a salvação está unicamente no conhecimento e o seu valor depende da sua orientação e ajustamento ao organismo espiritual». A procura imediata do caminho da criação seguiu-se e, como consequência, a opposição radical entre *saber* e *compreender* levá-lo-á, mais tarde, à fundação da Escola da Sabedoria, em Darmstadt, como instituição nitidamente distinta e oposta à Universidade.

Durante estes anos, Keyserling abandonou-se a todas as influências favoráveis ao seu progresso indo até a renunciar à afirmação da sua personalidade porque, existindo, segundo ele, o conhecimento perfeito na expressão da justa relação entre o eu real e o mundo exterior real, só aquele que realiza todas as influências pode impedir toda a cristalização prematura. Aceitar esta verdade evidente impede-lhe toda a attitude discursiva. O homem que discute mantém e defende uma posição, enquanto que o homem desejoso de progredir pretende conquistar uma base superior. Um paralisia, o outro enriquece a sua vida interior.

Na Escola da Sabedoria a única interdição absoluta é: Não discutir. A divisa de Keyserling é tudo compreender. O saber, como saber, não tem interesse; é alguma coisa distinta do homem que deforma o homem. Compreender é incorporar em nós tudo aquilo que, embora tivesse sido pensado e dito por outros, poderia ter sido dito e pensado por nós, fazendo parte da nossa natureza essencial. Inventar e compreender significam metafisicamente o mesmo. O homem superior é, para Keyserling, aquele que plana acima de todas as opiniões possíveis sabendo tudo por intuição directa e perfeitamente porque está em relação necessária, imediata e viva com o Universo. Há sempre, na attitude de Keyserling, horror ao definitivo e a todos os modos de existência cujo fim esteja fóra e não no íntimo de cada individuo. A sua tentativa é um esforço de unificação espiritual. A valorização do individuo faz-se no que ele é e não no accidental que o faz parecer ser. A maioria dos homens não consegue limitar-se ao seu circulo natural de acção e muitos dêles assemham-se a conglomerados monstruosos cobertos com roupagens emprestadas. Se fôsse possível dar representação concreta à vida interior de certos homens não se encontraria nada que não tivesse pertencido a outros. Quasi todos são *mediuns* que incarnam as personalidades alheias e o essencial, o importante, o problema fundamental para cada homem é incarnar a sua própria personalidade. Outros, admiravelmente dotados, suficientes, não conseguem realizar a unidade ideal de seus actos e pensamentos com a estrutura íntima do seu ser. Serve de exemplo destes últimos Schopenhauer que, apesar de possuir facultades extraordinárias de compreensão, não soube encontrar a sua forma interior; donde a sua filosofia ser um anagrama disforme, uma juxtaposição e não um todo orgânico brotando duma fonte única. Não é a falta de sistematização, bem entendido, mas a falta de unidade que faz de Schopenhauer um deformador ao contrário de Kant e Hegel, que formam um todo solidário e harmónico com as suas filosofias.

Na distinção entre saber e compreender e nas attitudes dela derivadas, fundamenta Keyserling a necessidade de transformar as manifestações do saber em emanações do ser e todo o conhecimento projectado no plano do intelecto num conhecimento essencial. Isto é, interessamos o enriquecimento da nossa memória intuitiva, da *duração*, da *cultura animi*, ou do saber culto, como diria Scheler; tudo o que é fixado pela memória-hábito, motora, é simplesmente adorno: são quadros para ornar as paredes da nossa personalidade; mas o importante é que as paredes se vejam, que não fiquem recobertas totalmente pelos quadros fixados no exterior, como sucede no erudito. A opposição do sábio ao sage, do erudito ao mago, da *sagesse* ou sabedoria à ciência, na terminologia de Keyserling, parte também da distinção entre saber e conhecer. Para nos entendermos sobre o valor de cada um destes termos, diremos que sábio e erudito são aqueles que, procurando a verdade, fixaram em si muita ciência do exterior; que sage ou mago é aquele que não procura a verdade no exterior mas que a possui já; e que *sagesse* ou sabedoria deve entender-se no sentido dado pelos gregos a σοφία isto é voz e επιστήμη.

Tudo este esforço tendente a transmutar o saber em emanação do ser é um problema individual e subjectivo. A compreensão faz-se de homem a homem ou, então, no homem por si mesmo. Keyserling não admite a existência de interesses objectivos. A objectividade não é, para ele, interesse impessoal mas supra-pessoal, quer dizer, interesse no que há de mais profundamente humano no homem vivo; toda a objectividade, compreendida noutro sentido, é má porque coloca o inerte superiormente ao vivo. Daqui a falta de sentido na busca da verdade no exterior. Para o homem de ciência mais do que a posse da verdade importa a sua procura. Para Keyserling, a verdade não se procura, possui-se. Pode possuir-se e não se conhecer por isso

...a verdade exige um certo esforço de penetração, de sonda nas camadas profundas do inconsciente impessoal (Jung) ou primitivo (Freud) para entrever a justa relação que torna perfeito o seu conhecimento. É isto que não faz o sábio ou cientista; o sábio é o representante do espírito sob forma cristalizada; esforça-se por compreender todo o novo integrando-o no conjunto do saber tradicional, no coagulado. Todos os problemas novos que ele venha a agitar supõem sempre um saber anteriormente adquirido como dado primeiro.

Muito diferente é a atitude do sábio ou mago. A sua preocupação dominante não é fazer repousar novas atitudes em bases consagradas mas tentar a criação de novas bases. A acção sobre as almas consiste em vivificá-las pelo espírito, não pela letra; o seu fim é sempre a vida, nunca a teoria; o gémem, nunca o definitivo. A sua compreensão tem portanto de ser realizada pela totalidade do ser porque o homem é um animal metafísico e não apenas um animal racional.

Em todas as épocas o mago se opõe ao estatuído e fixado. Para os rabinos do tempo de Jesus a verdade estava, para sempre, fixada, contida, na letra da Escritura e toda a experiência religiosa consistia em interpretar o imutável. Mas Cristo ultrapassou a expressão porque estava convencido da presença efectiva, viva, da verdade da Escritura. Uns ficaram na superfície da letra, da gramática; o outro, o Mago por excelência, acha que só o espírito é fecundo e considera a forma como obstáculo à renovação. Por isso o sentido e valor das palavras e actos de Cristo nunca residiram na forma adoptada, mas na apetência de eterno nascida da sua união com um ser em estado de receptividade feminina. O *lógos* é sempre masculino, espermático, fecundante e dinâmico. O verbo não é palavra, como o pensamento não é letra, mas espírito, que fecunda e cria. Não nos é dado como um todo sistemático, mas lançado ao acaso, com aparências de contradição, de paradoxo, porque o paradoxo e a contradição exigem de cada um a elevação a uma atitude tal que permita

vislumbrar a perspectiva da unidade e o sentido revelador da harmonia dos seus termos, só aparentemente contraditórios. É um convite a penetrarmos na região do Sentido, e a abandonarmos os atalhos da expressão; a seguirmos o projectil do espírito através do espaço e do tempo. É que o paradoxo, como diz Keyserling, corresponde, no domínio espiritual, ao explosivo do mundo físico: concentrando nêle contrastes sem os resolver inflama a faculdade de compreensão e a solução pessoal que determina tem toda a aparência de explosão. Por isso, as palavras de Cristo, de Lao-Tseo, de Heraclito, de Nietzsche têm influência independentemente do tempo e do espaço. A tragédia da Igreja consiste na incompreensão total destas verdades e em considerar a palavra como última e definitiva realidade. E isto é tanto mais incompreensível quanto a atitude dos magos, e especialmente de Cristo, tem sido hostil ao definitivo e adulto e simpatisante com o indiferenciado e plástico, bem patente no interesse carinhoso dedicado às crianças. A criança distingue-se do adulto pela sua integração perfeita no conjunto cósmico e porque, dentro do seu universo, é a expressão completa do espírito criador. Falta-lhe toda a fisiologia espiritual acabada e rígida característica do adulto. Explica-se agora a oposição dos fariseus a Cristo e a atitude hostil de Cristo a todo o definitivo da personalidade. É que a vida da criança não deriva do *eu*, mas do fundo supra-pessoal que o ultrapassa em potência; da concentração de humanidade que cada um de nós tem em si, e todo o renascimento do ser, todo o renascimento só é possível partindo do indiferenciado. Logo, suprimir em si toda a diferenciação é atingir as virtudes do plasma germinativo.

Abril, 1930.

D E L F I M S A N T O S

Keyserling em Portugal

Aguardamos o novo capítulo, referente a Portugal, que Keyserling parece querer acrescentar à *Análise espectral da Europa*. Nêle—se Keyserling sacrificasse a amabilidade e a cortesia à verdade e à justiça—veríamos, certamente, afirmações pouco lisonjeiras, não para a nossa qualidade de portugueses, que nos interessa menos, mas para a nossa equívoca qualidade de europeus.

De facto, de sul a norte, o que se disse de Keyserling revela bem quão afastados estamos, no domínio da cultura, do resto da Europa. Êle mesmo devia tê-lo notado. Chamaram-lhe tudo: Grande Pensador—e êle é um homem de acção e, como tal, um homem que se reconhece medíocre no domínio intelectual. E' um técnico das sciências do Espírito, como lhe chamou Leonardo Coimbra, por isso sem pensamento criador, como todos os técnicos. O seu valor consiste na sua atitude perante o mundo contemporâneo e não no conteúdo do *seu* pensamento, porque não é *seu*. Chamaram-lhe Filósofo,—e Keyserling declara não ter vencido as insuficiências que o impediram sempre de o ser. Que será um filósofo para os homens cultos do nosso país?

Mas não ficaram por aqui. Para que no capítulo sobre Portugal nada falte do rigor científico desejado, manifestamos-lhe a nossa total incompreensão dos problemas do Espírito, a nossa admiração imbecil e a *subtilidade* do espírito nacional, chamando-lhe *Sábio*.

Sábio? Êle que escreveu contra o sábio as páginas mais interessantes das Figuras Simbólicas!..

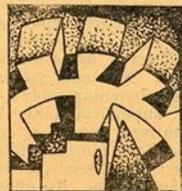
D. S.

O cabeçalho de **princípio** é da autoria de Ventura Porfírio; as vinhetas de Adalberto Sampaio e Ventura Porfírio.

DA ADMINISTRAÇÃO

- ▲ Esta publicação carece, para se manter, de um determinado número-mínimo de assinantes.
- ▲ Todas as pessoas ou entidades que se interessarem pela realização dos objectivos que nos propomos, manifestarão êsse interesse conseguindo, entre os seus amigos, mais assinantes.
- ▲ daquelas pessoas ou entidades que por qualquer razão não queiram honrar-nos com a sua assinatura, esperamos a fineza de nos devolverem o presente número para podermos elaborar com rigor a lista dos nossos assinantes.
- ▲ A Renascença Portuguesa, editora dêste quinzenário, concede a todos os seus sócios a assinatura gratuita.
- ▲ Aos assinantes de «**princípio**», (série de 10 números) oferece a administração um dos seguintes volumes, à escolha:

Ezequiel de Campos — *A Crise Portuguesa*
 D. João de Castro — *Jesus*
 Teixeira de Pascoais — *Regresso ao Paraíso*
 Augusto Casimiro — *Calvário de Flandres*
 Raul Brandão — *Teatro*
 Alberto Pimentel — *Poemas heroi-cômicos*
 Américo Durão — *Ave de Rapina*
 Leonardo Coimbra — *Razão Experimental*
 Visconde de Vila Moura — *2 novelas diferentes*



«A Marcha Nupcial»,
de Stroheim.

Apesar de alguns defeitos que me parecem graves, é um admirável filme. Ao sair da sessão, senti-me irritado, porque a minha impressão não correspondia ao que me tinham feito esperar, e era muito. Mais tarde, vi melhor as qualidades, e compreendi também melhor o que *para mim* eram defeitos. Stroheim é sem dúvida um grande actor, Fay Wray uma actriz digna d'êlo. A fotografia perfeita—dum relêvo por vezes extraordinário, acusando implacavelmente o mínimo detalhe. Os defeitos, vejo-os motivados pela maneira de distribuir certas cenas; Stroheim não só é o realizador, mas também o autor, e compraz-se demasiado em algumas cenas, talvez pelo que nelas lhe lembra um passado que pretendeu reconstituir. O assunto não se pode dizer novo, e eis o que revela a força de Stroheim: como consegue afastar o logar comum.

A *Marcha Nupcial* revela a personalidade sarcástica, a violência terrível e despiadada de Stroheim. A ferocidade com que revela, e accentua as notas mais sinistras, os caracteres mais mesquinhos, as transigências mais torpes, dão aos seus filmes um tom de violência que contrasta profundamente com a produção americana corrente.

Legendas muito bem traduzidas, o que não acontece todos os dias.

É melhor não falar da adaptação (?) musical. Mas não podemos deixar de censurar que o público consinta, e a empresa apresente, coisas como os cores que acompanharam algumas cenas do filme. É o cúmulo da desafinação; nem canto, nem nada! Uns sujeitos a barregar, cada um para seu lado.

«A Multidão», de King
Vidor

A ilusão dum pobre diabo que se julga capaz de *subir*, mas que vai ficando no mesmo lugar subalterno, enquanto os seus antigos companheiros pros, peram; que vai decaindo-perseguido pela adversidade, ignorados os seus sonhos—que a tudo resistem—pela multidão que na sua onda o vai empurrando, relegando. Parece-me êste o *sentido* do filme. Tem grandes defeitos: insistência, repetição de cenas monótonas. Ganhará com menos extensão, se a esta correspondesse uma mais sintética exposição das várias fases do filme. Receio mesmo que sem a admirável interpretação de Eleanor Boardman e James Murray êstes defeitos tornassem o filme dum monotonia excessiva. Mas com tal interpretação tôdas as boas qualidades adquirem o maior relêvo. Em geral, nos filmes americanos, cultiva-se a superficialidade. King Vidor pretendeu mostrar-nos mais do que isso, evocar o conflito do individuo e da multidão, o drama de dois pobres átomos condenados a ser asfixiados pela implacável fatalidade que dá a vitória aos que se adaptam, aos que se maquinizam. No entanto, mais que o valor

O público em Portugal está habituado a ver no cinema um simples divertimento; os próprios intellectuais estão, na sua maioria, numa fase há muito ultrapassada em qualquer país, pois ainda o consideram coisa inferior, indigna da sua atenção.

Pelo que diz respeito ao público, a incompreensão é sufficientemente explicada pela ausência de verdadeira crítica, e pelo enfeudamento de tôdas as salas a emprêsas unicamente comerciais, que apenas pensam em explorar o mau gôsto do público, avivando-o, dando-lhe o que êle pede.

Pelo que diz respeito aos intellectuais, a culpa é principalmente dêles próprios, que duma vez para sempre tomaram uma *atitude*.

Ignoram que no cinema se tem manifestado o espírito da nossa época em obras de grande valor. Chaplin, Sjostrom, Eisenstein, Sterneberg, René Clair, Stroheim, Buñuel, Pudovkin ou Epstein, para não citar senão alguns dos mais significativos, como podem ser estudados se não em paralelo com os romancistas, com os poetas, com os pintores, com tôda a arte, em suma, do nosso tempo? Se os nossos intellectuais ignoram o cinema, são indignos de se chamar intellectuais: ou o espírito para êles está dividido em células, estanques umas às outras? São êles os principais culpados de que o cinema não receba entre nós o interêsse que deveria, e que é bem diferente daquele que provoca e cultiva a publicidade estilo yankee: divinização da vedeta, escondendo a obra, valorização do acidental, da anedocta, da beleza da *estrêla* e do mais que se sabe.

Em qualquer país civilizado, nenhuma revista ignora o cinema; revistas de alta cultura como a espanhola *Revista del Occidente* publica sôbre êles notas que assinam escritores de valor; uma *Nouvelle Revue Française*, uma *Europe* consagram-lhe rúblicas que igualam em importância as consagradas a qualquer outra forma de arte.

Dos intellectuais deve partir o esforço de renovação: criar Cine-Clubs, empreendimentos particulares que, sem preocupações comerciais, exibam programas seleccionados, escolhendo o bom de entre o que passa nas outras salas, fazendo ver aqueles filmes que as emprêsas ignoram e esquecem, por não serem susceptíveis de lucro. Precisariamos de salas de vanguarda em que, por palestras precedendo cada filme, se ensinasse o público a ver, e lhe fôsse revelado o verdadeiro significado do verdadeiro cinema. Seriam, em suma, necessárias audácia e actividade.

Aqueles filmes que, como os inesquecíveis *Aldeia do Pecado* ou *A Mãe*, exprimem uma realidade fremente, longe da luz dos estúdios, em que há vida palpitante, conflito e drama verdadeiros, natureza *natural*, em que ha almas e homens, e não literatice e bonecos, muito fazem para que os homens tomem contacto com o Homem, para torná-los mais conscientes, para que descubram a sua *existência como indivíduos*, tanta e tanta vez esmagada e contorcida pelo dia-a-dia envenenador.

É para essa valorização que aqui procuraremos contribuir. Não esquecendo que o cinema é arte. E que a arte exprime a intimidade do homem, com as suas incertezas, com as suas quedas e as suas vitórias.

A . C . M .

R . D E F .

simbólico, interessa-nos na *Multidão* o aspecto profundamente humano e patético. Um grande ritmo de poesia atravessa êste filme, dando-lhe uma fisionomia inconfundível.

Apezar de certo esteticismo, da já citada monotomia, é uma obra *sã*, forte, afastando-se resolutamente do filme americano em *série*.

A adaptação musical, como sempre, dum infelicidade indigna dum cinema da categoria do Águia d'Ouro; lembramos ao maestro (?) a conveniência de, pelo menos, ter certo respeito pela música *séria*, pois em vez de a assassinar—e aos nossos ouvidos!—mais valia que se limitasse aos tangos e aos foxes—ainda que a execução dêstes não seja para nos entusiasmar...

A . C . M .

O filme que Carl Hoffman realizou com o título «Espelho Misterioso», caracteristicamente alemão tanto pela técnica como pela concepção, não caiu muito bem no agrado do público que assistiu à sua estreia. Parece-me, no entanto, que o *mal* deve atribuir-se antes à plateia, habituada *sistemáticamente* às piores realizações que possam imaginar-se e que, infelizmente, não possuiu ainda o bom gôsto e a competência que são necessárias e imprescindíveis para julgar qualquer produção cinematográfica.

«Espelho misterioso» é uma película filiada no mesmo espírito concepcional que deu origem a trabalhos magníficos e estranhos como o *Gabinete do Dr. Galigari*, o *Estudante de Praga*, e tantos outros que tem passado despercebidos á multidão.

O macabro e o fantástico dominam, de principio ao fim, os scenários, as figuras e as suas visões, criando, por vezes, uma atmosfera de mistério hofmânico, pesada e sombria. Os seres movem-se aí e mo autómatos cujas paixões efêmeras o destino e o fogo da morte não de destruir...

Não se do, pois, um filme do senso comum, «Espelho Misterioso», a par da concepção e da técnica, tem a actuação de Fritz Rasp, o homem rico que luta com a fatalidade num combate intensamente dramático e inútil. O seu trabalho é digno de interêsse, apesar de, algumas vezes, a mascara ser monótona e, outras até, exagerada e artificial.

Os manequins-imagens óptimas por revelarem bem o trágico de certas vidas humanas. Dignos de menção são também os primeiros planos onde as figuras passam a tôdo o corpo; as dans nocturnas dos esponais, cheias de ritmo e movimentação; e, sobretudo, o momento final, pleno de religiosidade e de simbólica, que por si só valorizaria uma produção e que eu não posso deixar de citar como *protesto contra as manifestações da plateia que assim revelam bem a sua ignorância e a sua incompreensão*.

M U R A L I N E

É A TINTA A ÁGUA PARA PAREDES
MAIS ECONÓMICA MAIS DURAVEL
MAIS ELEGANTE

Mário Costa & C.^a, L.^{da}

Rua do Almada, 30-1.º e 2.º

PORTO Telefone, 2571

Os vinhos Borges

... são vinhos

Gramofone "Klingsor-Extra"

A maravilha de todos os instrumentos musicais

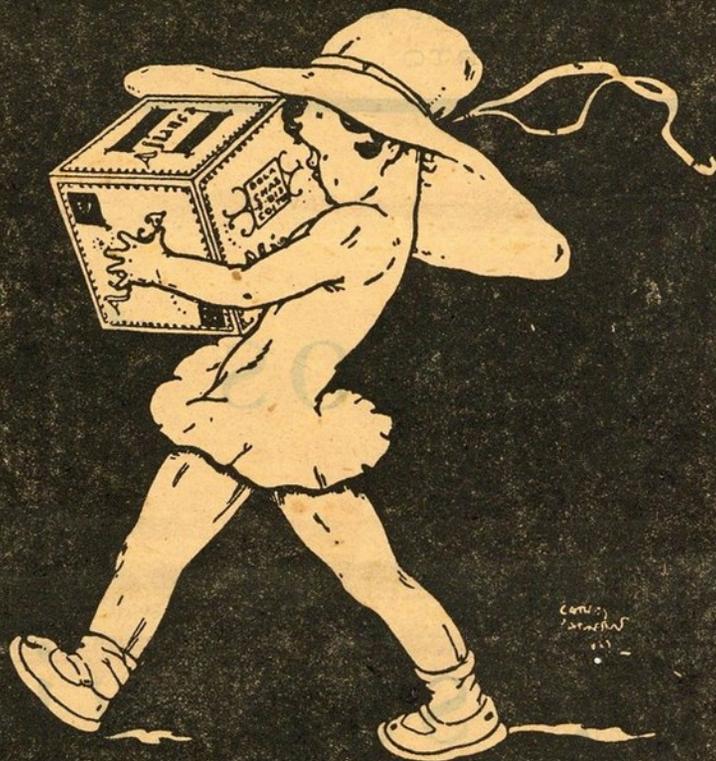
Procurai-o na

CASA FIGUEIREDO

Rua 31 de Janeiro, 72 e 74

Enorme sortido em discos das
mais acreditadas marcas

VENDAS A PRESTAÇÕES COM BONUS
Oficina de reparações



ALIANÇA

BOLACHAS - BISCOITOS

MASSAS